

Cidade do pecado crónica de Saigão

Ouvira falar das pensões transformados em bordéis, num retorno ao tempo da guerra. Mas não pensava que fosse assim tanto.

Logo na primeira noite, em Saigão, entre Pham Nun Lao - afamado bairro de hospedarias baratas, ponto de encontro de viajeros - e o centro da cidade, fui abordado uma dúzia de vezes. E por todo o tipo de mulheres. Sem distinção de idade ou origem social. Mas todas da mesma raça: Vietnamitas. Crentes em Buda e no 'santo dólar que estás na algibeira do turista'.

'Bum, Bum ! Fuck, fuck?', dizia-me a miudita que não devia ter mais de doze anos, enquanto batia com a palma da mão contra o lado direito do punho esquerdo. Tinha-se levantado do passeio público onde estava com uma mulher adulta (seria a mãe?) perto do gradeamento de um dos jardins onde ainda há bem pouco tempo se vinham injectar, à frente de toda a gente, os junkies da cidade. Como para muitos outros ali deitados, aquela era a sua casa. Ali, sob o néon do recentíssimo cinco estrelas New World Hotel. Nome a condizer com o novo mundo que se vive em Ho Chi Min, cidade que se transforma à velocidade da luz.

Um pouco mais adiante, na rotunda em frente ao mercado central, uma quarentona de chapéu de palha cónico e cabaia cor-de-rosa a cingir-lhe a cintura fina, veio ter comigo e foi direita ao assunto: 'Short time. 5 dollars'. E apontava para a rapariga que timidamente se aproximava. Como se isso não fosse suficientemente claro, não só para mim como para as centenas de pessoas que circulavam por ali apesar da hora tardia, chegou-se a nós um condutor de riquexó que me tentou convencer a aceitar a proposta. 'Good. Vietnamese girl, very good', exclamava em perfeito inglês. A maioria dos condutores de riquexó de Saigão foram membros do exército sul-vietnamita, daí o seu conhecimento, com desenvolto calão e tudo, da língua dos marines.

Do outro lado da rotunda, massagistas de rua, sentadas em esteiras, rodeadas por ungentos e frascos, mostraram-se dispostas a prestar todo o tipo de serviços. De cariz sexual também. E em sua casa, se preciso fosse. Já que nem todos os hotéis parecem dispostos a pagar 'luvas' à polícia para poder utilizar livremente os seus quartos para a prática da prostituição. Os fumadores de *bong*, cachimbo aceso, sentados junto das massagistas, pareciam mais empenhados em fechar negócio comigo do que as próprias interessadas. E não consta que recebessem qualquer comissão... Mas, no Vietname é assim. Parece haver um fervor nacional bastante exacerbado no que se refere à obtenção de divisas estrangeiras. E não há melhor vítima para deparar do que o turista. Os estratagemas são vários e a ética pouco importa. O que conta são os dólares e o resto é conversa.

Avenida Le Loi abaixo, principal artéria da cidade, e moderniza-se o processo de abordagem. Encavalitadas em lambretas, bonitas raparigas passam uma vez, sorriem, dão a volta ao quarteirão, e voltam de novo a passar, fazendo convites descarados. Muitas das vezes são transportadas por rapazes da mesma idade, nada mais nada menos que os seus proxenetas. A maioria destes grupos de prostituição, ao que parece 'organizada em cima do joelho', reúne-se ao princípio da noite no pequeno jardim em frente ao consagrado cinema Rex. Ali, dissimulados por entre a inocência dos vendedores de gelados, sumo de coco e balões coloridos, por entre as famílias e os namorados que disfrutam a frescura da noite, jovens chulos aliciam estrangeiros a irem para a cama com raparigas que parecem ter saído da sala de aulas há poucas horas atrás. Ou então propõem-lhes visitas a 'very cheap' bordéis onde a noite de prazer vale 30 dólares e o 'only touch', num ambiente íntimo, fica por 5 dólares: o preço da bebida do cliente e da rapariga. Mas é pela noite dentro que a ofensiva destes adolescentes se faz mais sentir. Em grupos de dez ou doze aguardam muito inocentemente, como se tratasse de um mero encontro de amigos, nos cruzamentos das avenidas. O cliente vem 'abastecer-se' de motorizada. Se passa de bicicleta caem-lhe em cima como um grupo de crianças que quer brincadeira. E na realidade, não passa disso mesmo, pelo menos aos olhos dos locais e mesmo dos próprios pais, que vêm nessa actividade uma forma de ir buscar mais algum. Faz-se tudo mais ou menos abertamente e ninguém parece estar preocupado com os riscos que se correm.

Na baixa de Saigão, junto aos hotéis internacionais e bares, a coisa processa-se com mais discrição. No 'Apocalypse Now' e no 'Hard Rock Café', pontos de encontro de estrangeiros residentes ou de passagem, meninas mais sofisticadas disfarçam as suas reais intenções nas mesas de bilhar e em animadas conversas ao balcão enquanto não encontram a presa que lhes convém. Nas ruas obscuras riquexós passeiam prostitutas caras, maquilhadas, vestidas de cetim, pose solene, que enviam 'hellos' aos machos da sua eleição. Com a condição de estes serem estrangeiros, claro está. Já os travestis, ou lady-boys, como lhes chamam aqui, são menos exigentes. Percorrem as ruas de lambreta, vezes sem conta, tentando ludibriar os mais distraídos. E conseguem-no muitas das vezes, tal é a sua similaridade com as representantes do sexo feminino.

Sentada a uma esquina, sob a luz de um candeeiro, a vendedeira de cigarros de meia idade falou-me com orgulho do oficial americano que se apaixonou por ela durante a guerra. 'Ainda me escreveu muitas vezes, mesmo depois de ter casado', dizia. Prometeu pôr-se bonita se lá voltasse no dia seguinte e fartou-se de falar mal dessas 'gatas desavergonhadas' de agora que só querem o dinheiro dos homens. Mas antes de se despedir pediu-me se lhe emprestava 5 dólares. Pelo sim e pelo não, mais valia prevenir. No caso de eu não comparecer ao encontro no dia seguinte.

Joaquim Castro